

Dora Kramer*

O insensato mundo dos Bolsonaro

Se insensatez e afobação fossem fatores primordiais na escala do eleitorado para a escolha de governantes, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) poderia se considerar eleito presidente.

Menos de 48 horas depois de dizer que disputaria o Palácio do Planalto com o aval do pai, o senador confessou que sua candidatura tem preço e ainda reconheceu defeitos graves na própria ascendência ao exibir como selo de boa qualidade a promessa de ser “um Bolsonaro diferente”.

Muito franco, acenou com o figurino de um Bolsonaro “mais centrado, que conhece a política e quer realmente fazer a pacificação no país”. Qualificou o genitor como pessoa fora do eixo, incompetente na política e falso pacificador.

Flávio não esperou a jogada esquentar para admitir que desiste da empreitada mediante uma boa oferta. Está à venda, portanto. E cobra alto: o Congresso dar por não dito o que foi dito pelo Supremo Tribunal Federal na condenação de Jair Bolsonaro e comparsas por tentativa de golpe de Estado.

O irmão Eduardo achou que foi um “xeque-ma-

te”, “um baita recado” para quem quer distância do clã na direita e cercanias.

Deve pensar que haverá fila na porta para aceitar as ordens e rapidamente se formar um grande movimento em prol da anistia que, assim, terá sua aprovação garantida. Em matéria de delírio, a família já produziu mais criativos.

A realidade até agora não se mostrou benevolente. A esquerda ironizou alegremente, o centro calou, o centrão ficou entre o silêncio e a rejeição, o PL deu aval formal, Ronaldo Caiado (União) e Romeu Zema (Novo) receberam Flávio como apenas mais um na disputa pela Presidência, Tarcísio de Freitas (Republicanos) -”o melhor do time”- adiou a reação e Gilberto Kassab (PSD) fechou-se em copas.

Todos no aguardo do que vai dar o lance de chantagem explícita, sem que o autor tenha algo de substantivo para oferecer além de candidatura desprovida de lastro e para cuja retirada não é certeza que alguém esteja disposto a pagar.

*Jornalista e comentarista de política

Paulo César de Oliveira*

Brincando com a sucessão...

Flávio é mesmo o candidato de Jair à presidência da República em 2026? O anúncio feito pelo próprio Flávio de que foi escolhido pelo pai para representar a família e o grupo político nas eleições presidenciais soou estranho e, politicamente sem sentido.

A chamada direita tem inúmeros nomes em campanha já a longo tempo, e a escolha do “chefe” recai, estranhamente sobre alguém de pouco apelo de voto e que tem pouca expressão dentro do próprio grupo. Para muitos observadores políticos a “indicação” de Flávio é, na verdade, uma jogada política que visa alçá-lo à condição de líder da campanha da anistia.

Para dar eco ao grito pela anistia estão investindo o 01 numa condição de líder, de um grupo. Nenhum outro nome da direita apontado agora por Bolsonaro — Zema, Caiado, Ratinho Júnior, Tarcísio ou outro qualquer — assumiria a vanguarda da campanha pela anistia com o entusiasmo demonstrado por Flávio. Seria correr risco político pois as pesquisas indicam que a maioria da população é contra a anistia, pelo menos por enquanto. Outro detalhe que alimenta as dúvidas sobre a seriedade da indicação é que, mesmo dentro da família Bolsonaro não tornou pública a sua escolha. Carlos, o 02, foi pego de surpresa

com a notícia. Jogada, como parece, ou não, qual será o resultado desta anunciada escolha? Flávio já anunciou que vai intensificar o esforço pela anistia, agora como “candidato do bolsonarismo” à presidência. Tem pouco, muito pouco tempo para isto. Certamente não conseguirá que o tema entre na pauta de discussão do Congresso antes do recesso.

Há temas complexos na pauta dos congressistas e outros de maior interesse, como as emendas parlamentares do orçamento do ano que vem, que certamente vão ocupar os parlamentares. Anistia, pela sua complexidade, é tema para o ano que vem. E em fevereiro, quando o Congresso retomar seus trabalhos, talvez, ou certamente já não desperte interesse da maioria do Congresso. Flávio Bolsonaro sabe disto. O anúncio que fez de que foi ungido pelo pai para disputar a presidência não entusiasmou. Aliás, entusiasmou sim, mas a oposição, que enxerga nele um candidato fraco, que terá dificuldades até dentro da direita onde pelo menos dois outros candidatos deverão ser lançados. Tão difícil quanto sua candidatura vingar, será sua tarefa de mobilizar políticos e a sociedade para aprovar a anistia.

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

EDITORIAL

A nova guerra no mercado de mídia

A disputa entre Paramount e Netflix pela compra da Warner simboliza um momento crítico de reorganização do mercado global de mídia e entretenimento, no qual gigantes tradicionais e plataformas digitais lutam para garantir escala, catálogo e relevância num cenário cada vez mais fragmentado. A Warner, dona de propriedades valiosas como DC, Harry Potter, HBO e inúmeras produções de catálogo, tornou-se um ativo raro: um estúdio com marca forte, bibliotecas profundas e potencial para gerar franquias duradouras. Isso explica por que tanto a Paramount, um estúdio clássico tentando se reposicionar, quanto a Netflix, líder do streaming, enxergam na aquisição um passo estratégico.

Para a Paramount, comprar a Warner significaria uma fusão de catálogos capaz de fortalecer sua posição em um mercado onde estúdios tradicionais enfrentam a queda da TV por assinatura, aumento de custos e competição feroz das plataformas digitais. Além disso, permitiria uma integração entre CBS, Paramount+ e HBO, formando um ecossistema robusto capaz de disputar anunciantes, assinantes e distribuição global. A união também seria uma resposta ao

processo de consolidação do setor, no qual empresas menores precisam se juntar para sobreviver à pressão de grandes conglomerados como Disney e Comcast.

Para a Netflix, a motivação é diferente, mas igualmente estratégica. Embora seja dominante em alcance global, a empresa depende majoritariamente de produções próprias recentes e carece de um catálogo clássico que sustente engajamento de longo prazo. A biblioteca da Warner resolveria esse problema instantaneamente, oferecendo franquias icônicas e aumentando o valor percebido da assinatura. Além disso, garantir esses direitos impediria que concorrentes usassem o conteúdo da Warner para fortalecer seus próprios serviços. Em um momento em que o crescimento de assinantes desacelera e a guerra do streaming exige diferenciação por propriedade intelectual, possuir marcas como DC e HBO seria um enorme salto competitivo.

A disputa, portanto, não é apenas financeira, mas estratégica. O resultado dessa batalha moldará a próxima década do entretenimento e definirá quais players terão força para liderar a era pós-streaming.

Opinião do leitor

Que atuação!

Uma final de temporada épica se desenhou em Abu Dhabi. O topo do pódio agora é laranja! Após uma temporada eletrizante, decidida apenas na última corrida, Lando Norris sagra-se campeão do mundo de Fórmula 1 pela primeira vez e coloca fim à hegemonia de Verstappen.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: CASO POLÍTICO DE SÃO PAULO PROVOCA REUNIÕES NO PALÁCIO DO CATETE

As principais notícias do Correio da Manhã em 9 de dezembro de 1930 foram: Caso político de São Paulo foi o assunto no Palácio do Catete, com vários ministros e o chefe de polícia em reuniões com Vargas.

Lloyd Brasileiro voltará para o Ministério da Viação. Navio de Washington Luiz chega a Inglaterra e ex-presidente deve desembarcar no país europeu. Minas em luto pela explosão em Porto Novo do Cunha.

HÁ 75 ANOS: TROPAS DA ONU REFORÇAM A DEFESA DE SEUL

As principais notícias do Correio da Manhã em 9 de dezembro de 1950 foram: Tropas da ONU se reorganizam para reforçar a defesa em Seul. URSS, EUA, Inglaterra e França trocam correspondências sobre

a desmilitarização da Alemanha. Primeiro-ministro japonês não acredita em Terceira Guerra Mundial. Interditados os banhos de mar em três postos de Copacabana. Vargas organiza vinda ao Rio.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Nilomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadr 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.